

ASLANOV, Cyril. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva: Casa Guilherme de Almeida, 2015.

TRADUÇÃO E MANIPULAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O ATO TRADUTÓRIO

Valquiria Pereira Alcantara¹

O ato tradutório implica opções e decisões que o contato de duas línguas e, por conseguinte, duas culturas, impõem ao tradutor. Esta difícil tarefa vem sendo estudada e questionada há muito e Cyril Aslanov, com sua experiência de tradutor e estudioso da tradução nos oferece uma reflexão a respeito da manipulação operada pelo tradutor voluntária ou involuntariamente. *A tradução como manipulação* (2015) resulta de um minicurso oferecido por Aslanov em 2010, uma das diversas atividades relacionadas à tradução organizadas pela Casa Guilherme de Almeida, onde foi criado o Centro de Estudos de Tradução Literária.

Organizada em cinco capítulos, o autor pretende analisar “o ato da tradução como uma difícil negociação entre uma transparência ideal e a tentação de enganar o leitor que não tem acesso ao texto original” (ASLANOV, 2015, p.11). Segundo Aslanov, manipulação pode ser compreendida como um subterfúgio do tradutor para tornar o texto compreensível ao leitor do texto-alvo, implicando a reelaboração do texto-fonte, dosando estruturas e léxico, buscando transparência e o mínimo de distorções. Tal subterfúgio faz-se necessário na impossibilidade de tradução palavra por palavra, dada a não correspondência exata de uma língua para outra e a necessidade de tornar o texto-alvo de leitura fluida com a manutenção, no texto-alvo, da qualidade estética do texto-fonte.

No primeiro capítulo trata-se da tradução como “Falsificação voluntária ou involuntária”. Por meio de diversos exemplos, Aslanov analisa situações nas quais a tradução revela preconceitos, interferências políticas ou religiosas e possíveis consequências das opções adotadas pelo tradutor na elaboração do texto; situações em que o tradutor opta pela não tradução de algum termo e que efeito resulta da não tradução. É notável o exemplo apresentado da tradução do versículo de *Isaías 7,14* no qual ‘*almāh*’ traduzida como “virgem” ao invés de “garota” evidenciou a valorização da virgindade no horizonte judaico daquele

¹ Professora da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC). Mestranda em Estudos da Tradução – TRADUSP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, Brasil, e-mail: valquiria.alcantara@fatec.sp.gov.br

período e, ao mesmo tempo, contribuiu para a cristalização do mito da virgindade de Maria. No mesmo capítulo discute-se a manipulação da tradução do texto bíblico que resulta do cuidado para evitar referências a mitos pagãos, à idolatria antropomórfica e a conotações sexuais. Aslanov trata também da manipulação da tradução por motivações políticas e a tradução niveladora que revela o ponto de vista de uma cultura em relação à outra. Como exemplo há a manutenção de categorias gregas quando romanos se referiram ao helenismo ao passo que os gregos que se interessaram pela cultura romana usaram termos gregos e não latinos para descrevê-la. Há ainda diferença de atitude de romanos e gregos em relação a outras culturas, romanos incorporaram elementos lexicais de outras línguas enquanto gregos reafirmaram as diferenças culturais recusando tal incorporação.

Os exemplos apresentados pelo autor nos remetem à teoria do polissistema posta por Even-Zohar segundo a qual é possível observar a tensão constante entre sistemas literários em posição de primazia e outros sistemas periféricos e a possibilidade de alterações nas relações estabelecidas entre tais sistemas. Ao ilustrar suas reflexões acerca da tradução do texto bíblico, ou citar a tradução feita pelo imperador Constantino VII Porfirogênito da expressão árabe *'Allāhu 'akbar* “Deus é o maior” por “Deus é Kubar” sendo que Kubar é considerado o nome do planeta Venus, acusa os árabes de idolatria e luxúria ao mesmo tempo, pois sugere Afrodite como par de Alá, Aslanov estabelece diálogo com Even-Zohar evidenciando não só as difíceis escolhas que se impõem ao tradutor, mas também como aspectos políticos, sociais e religiosos estão em jogo e podem interferir no resultado final de uma tradução.

No capítulo dois, o autor analisa “A manipulação do estatuto do texto traduzido” descrevendo exemplos de textos produzidos originariamente em determinado idioma e publicados como tradução de um texto-fonte que não existe. Tal subterfúgio pode ter como motivação a fuga da censura, como Voltaire que fingiu ter traduzido *Candide* do alemão; em outros casos a motivação pode ser mercadológica, pois o texto escrito por um estrangeiro na língua alvo, muitas vezes, não tem o mesmo apelo de uma suposta tradução. Aslanov analisa também exemplos de textos traduzidos apresentados fraudulentamente como originais e casos em que a manipulação se dá em relação à língua dos textos fonte e alvo, ou seja, quando há diferença de “status” entre a língua fonte e a língua alvo; há ainda a manipulação por meio da imitação de características do texto-fonte e, nestes casos, o resultado é mais que uma tradução e menos que um texto original; há textos que, por terem sido traduzidos, recebem ainda mais atenção e, por fim, há casos de apropriação involuntária do texto pelo tradutor.

Ao tratar especificamente de “Manipulações da Língua-Alvo”, Aslanov ressalta que

[...] o tradutor precisa manipular o mecanismo da língua-alvo para torna-la capaz de interiorizar o padrão do original. Isso acontece durante o processo de tradução de uma língua hegemônica para uma língua em processo de construção (o que os alemães chamam de *Sprachaufbau*, ‘construção linguística’). (ASLANOV, 2015, p.53).

Ao citar como exemplo o caso dos tibônidas, judeus granadinos, que precisaram inventar palavras para traduzir textos filosóficos árabes ou judaico-árabes para o hebraico e, também, Saádia Gaon que introduz palavras hebraicas ao traduzir a Bíblia para o árabe, Aslanov mais uma vez dialoga com Even-Zohar ao revelar a tensão existente entre os sistemas citados – árabe e hebraico.

No terceiro capítulo, analisa-se “A manipulação como bajulação”. Cyril Aslanov discute exemplos nos quais a tradução de títulos de obras pode ter impacto comercial ou político ou, ainda, enfatizar ou minimizar a importância de personagens ou determinados aspectos do texto original. Discute, também, neste capítulo, como a seleção de termos visando à transparência resulta na expressão de ultranacionalismo ou busca de resistência em relação a culturas hegemônicas. Por fim, menciona, também, a opacidade de textos religiosos traduzidos para línguas como o armênio e o eslavo, línguas estas sistematizadas com motivação política e étnica e, que por sua vez, também se tornaram opacas com o tempo.

No capítulo quatro, onde se analisa “A manipulação na interpretação simultânea”, o autor discute diversas situações que se impõem aos intérpretes que trabalham sob a pressão de evitar mal-entendidos e situações embaraçosas. Analisa, ainda, questões referentes à dublagem e legendagem de filmes e séries televisivas e a influência deste tipo de tradução na linguagem principalmente dos jovens. Na conclusão, o autor reflete a respeito da possibilidade de um tradutor bilíngue ser capaz de traduzir de uma língua para outra com perfeito domínio de ambas as línguas e conclui que, ainda neste caso, haveria certo grau de manipulação, pois o fato de uma das duas línguas ter predominância na educação formal, a diferença entre a língua fonte e língua alvo estaria presente no texto traduzido. Aslanov considera, por fim, que ao serem traduzidos por diversos tradutores para determinada língua ou traduzido para línguas diversas um texto ganha plasticidade e permanece em evolução.

A tradução como manipulação é uma obra da qual podem usufruir especialistas na área de estudos da tradução, pois instiga a reflexão de aspectos importantes para profissionais da área, mas também podem beneficiar-se deste trabalho estudantes interessados nos estudos da tradução. Além de estabelecer diálogo com a teoria do polissistema de Itamar Even-Zohar instigando o leitor a refletir sobre as relações que se estabelecem entre as línguas e, por

consequente, as culturas envolvidas no ato tradutório, os fartos exemplos apresentados por Aslanov também estimulam ambos profissionais e estudantes da área de tradução a pensar não só na dicotomia sugerida por Schleiermacher – ou o tradutor leva o leitor ao autor procedimento entendido como estrangeirização ou leva o autor até o leitor por meio da domesticação do texto – como também na discussão levada adiante por Venuti a cerca do preconceito de diversas ordens estabelecido quando o tradutor opta pela domesticação do texto ao traduzir de outras línguas para o inglês. Venuti ressalta a importância, nesse caso da estrangeirização para que outras línguas-fontes tenham visibilidade.

É certo que tanto a máxima de Schleiermacher quanto a necessidade de estrangeirização postas por Venuti devem ser revistas e refletidas, pois se deve levar em conta que outros pontos de vista em estudos da tradução foram discutidos desde então. *A tradução como manipulação* se revela, portanto, interessante ponto de partida para reflexões a respeito de aspectos importantíssimos do ato tradutório.

Data de recebimento: 29 de setembro de 2016.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2016.